

O DISCURSO DE ÓDIO, SUAS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Ubirajara Moreira Fernandes (*Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista*)

Abstract: The main objective of this article is to associate the concept of hate speech with the practice of hate, showing that the former is a manifestation of latter, and that both go directly against the principles of ecosystem discourse analysis. It can be seen that the practice of hate and hate speech are very old, going back to the beginnings of the humans. In times not so far back, we see that the practice of hate was exercised by Nero, Emperor of Rome. Much later, it and hate speech were an integral part of Nazism, Stalinism and others. In Brazil, the fact began with the slavery of the Amerindians and, soon after, the Africans, passing through the military dictatorship and reaching the current (2022) government of Jair Bolsonaro, the ex-captain, mister Chloroquine and father of the beneficiary of the rachadinhas.

Key-words: Practice of hate; Hate speech; Ecosystemic discourse analysis; Bolsonarism.

Resumo: O objetivo principal deste artigo é associar o conceito de discurso de ódio a prática de ódio, mostrando que ele é manifestação dela, e que isso vai frontalmente contra os princípios da análise do discurso ecossistêmica. Vê-se que prática de ódio e discurso de ódio são bem antigos, recuando aos primórdios dos humanos. Em tempos não tão recuados, vemos que a prática de ódio foi exercida por Nero imperador de Roma. Bem mais tarde, ela e o discurso de ódio foram parte integrante do nazismo, do stalinismo e outros. No Brasil o fato começou com a escravidão dos ameríndios e, logo em seguida, dos africanos, passando pela ditadura militar e chegando ao atual (2022) governo de Jair Bolsonaro, o ex-capitão cloroquino e pai do dono das rachadinhas.

Palavras-chave: Prática de ódio; Discurso de ódio; Análise do discurso ecossistêmica; Bolsonarismo.

1. Introdução

Indiretamente eu já tratei do discurso de ódio, não em *ECO-REBEL*, mas na publicação irmã *Boletim do GEPLÉ*, a propósito do bordão “Mas ele não é corrupto”, que os mentecaptos que adoram o elemento Jair Messias Bolsonaro bradam sempre que alguém aponta uma de suas insanidades, delinquências e crimes (FERNANDES, 2020; 2021), sendo que não ser corrupto não é mérito, mas obrigação de todo mundo. Infelizmente, porém, e como já se pode vislumbrar no

presente artigo e em outros, sobretudo na mídia, o referido elemento está atolado no lamaçal da corrupção. Como no caso de Fernando Collor (atualmente um aliado desse elemento), que também veio com a bandeira da luta contra a corrupção, o referido elemento, que podemos chamar de ex-capitão, Seu Cloroquino, Pai do Rachadinhas, Bozo (com perdão do palhaço que tem esse nome) e outros designativos do mesmo jaez, é uma grande fraude. Veio para banir a velha política, mas a piorou, porque a manteve e acrescentou a prática e o discurso de ódio. Alegou que faria um governo livre de ideologia (de esquerda, é claro), mas introduziu uma das administrações mais enviesadas ideologicamente (ideologia de direita, nazifascista) do que aquela a que se opõe. Se Collor tinha o PC Farias para comandar a corrupção, Bolsonaro e família têm o Fabrício Queiroz e os filhos, com respectivo Gabinete do Ódio. Só está faltando uma Elba, que talvez possa ser substituída por um Micheque e os depósitos em dinheiro em pequenas quantidades um após outro que o coordenador das rachadinhas do gabinete de seu filho Flávio Bolsonaro, então deputado da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, fazia na conta do parlamentar.

Diante desse descalabro, os principais objetivos deste artigo são: 1) caracterizar o discurso de ódio (DO), salientando que ele é manifestação de uma atitude ou prática de ódio (PO), que vêm de longa data; 2) Mostrar que PO e DO – doravante abreviados como PODO – são os antípodas dos princípios, categorias e conceitos da análise do discurso ecossistêmica (ADE), ou melhor, vão no sentido contrário a tudo que ela apregoa, ao arripio da visão ecológica de mundo (VEM) que ela segue, bem como de filosofias milenares de paz e harmonia como o budismo e o taoísmo. Assim, o artigo começa por uma apresentação da análise do discurso ecossistêmica, na seção 2, seguida de uma caracterização de discurso de ódio e suas implicações, na seção 3, e uma seção dedicada a alguns casos mais conhecidos de prática de ódio e discurso de ódio, na seção 4. A seção 5 consta de uma discussão sobre negacionismo e teorias da conspiração, uma vez que estão intimamente associadas a DO e PO. Na seção 6 temos uma discussão geral sobre o conteúdo do artigo. Por fim, vêm as observações finais.

2. Um pouco de teoria: a análise do discurso ecossistêmica (ADE)

Como a base teórica é a análise do discurso ecossistêmica (ADE), e como a ADE é parte da linguística ecossistêmica (LE) e pode se valer de todos os seus conceitos, antes de falar da ADE apresento um apanhado geral da LE, da qual mencionarei apenas os conceitos pertinentes a este ensaio. O primeiro de todos é o de **ecossistema linguístico**, constituído de uma população (P) vivendo em determinado território (T), e seus membros se comunicando em sua língua/linguagem (L). Sem os três componentes desse tripé, a integridade e identidade do grupo se dissolve. No interior desse ecossistema o que interessa são as **interações** (interação pessoa-pessoa, interação pessoa-mundo) que constituem as duas faces da linguagem. Esse ecossistema linguístico pode ser visto de pelo menos quatro perspectivas: como **ecossistema natural da língua** (com pessoas de carne e osso interagindo em seu território físico), **ecossistema mental da língua** (é na mente/cérebro de cada indivíduo que a língua é formada, armazenada e processada, e é nele que se dão todos os problemas psíquicos de cada indivíduo), **ecossistema social da língua** (a totalidade dos indivíduos organizados socialmente). Os três são englobados pelo **ecossistema integral da língua**. Este último pode ser visto da perspectiva da **comunidade de língua** ou **comunidade de fala**. Tudo isso está muito bem descrito na bibliografia pertinente, a começar de Couto (2015).

A visão ecológica de mundo seguida pela linguística ecossistêmica compreende vários conceitos ecológicos. Um deles é a **diversidade**, em todos os sentidos, pois ela leva a atitudes de tolerância para com o diferente. Outro conceito inicial muito importante é o de visão englobante do objeto de estudo, conhecido como **holismo**. Quando o investigador considera o todo, evita a unilateralidade e a parcialidade, ou seja, evita que se leve em consideração apenas a parte que lhe

interessa. A língua, a sociedade e o mundo são dinâmicos, portanto, o reconhecimento de que estão em constante **evolução** pode levar a que se evite o reacionarismo, ou seja, atitude de não aceitar as inevitáveis inovações que surgem a todo momento. Individualmente, a pessoa pode até ser conservadora, contanto que não seja reacionária, negacionista e fundamentalista e aceite o diferente sem atitudes de ódio e discursos de ódio. A evolução existe porque língua e cultura estão sempre se adaptando (**adaptação**) às novas circunstâncias em que a população se encontra. Por exemplo, se alguma denominação religiosa interpreta o texto bíblico ao pé da letra nos dias de hoje comete um equívoco: os valores da época em que ele foi escrito eram muito diferentes dos de hoje. É necessário que os membros da população (P) vivam coordenadamente, pacificamente. Se não houver um contrato social tácito entre eles poderá haver uma *bellum omnium contra omnes* (guerra de todos contra todos) e a comunidade se desintegrará. Por uma questão de sobrevivência, eles precisam viver em harmonia, em comunhão. Os próprios **atos de interação comunicativa** quotidianos (diálogos) requerem que os interlocutores estejam em comunhão. Do contrário, não haverá interação eficaz, interação comunicativa, diálogo. Afinal, se um não quer, dois não brigam, logo, se um não quer dialogar, dois não dialogam.

A parte da linguística ecossistêmica chamada de **análise do discurso ecossistêmica** (COUTO, 2020) contém princípios, conceitos e categorias adicionais, tais como **defesa incondicional da vida, luta contra sofrimento evitável** e o **exemplo de vida de Mahatma Gandhi**, que leva a resolver conflitos não pelo confronto, mas pela conciliação, como já previsto no conceito de comunhão. Como se vê, tudo isso vai ao arrepio da prática de ódio e do discurso de ódio (PODO). A análise do discurso ecossistêmica tem sugerido o termo composto **texto-discurso**, em vez de simplesmente “discurso”, como na tradição, pois, todo discurso tem que estar materializado em um texto e todo texto remete a um ou vários discursos. Texto-discurso leva em conta expressão e conteúdo; “discurso” se atém apenas ao conteúdo; “texto”, apenas à expressão (“à palavra”). Por discurso no caso deve-se entender o assunto ou tema de que se fala que, em outros contextos é chamado de **referente**. Como dizia Ortega y Gasset, quando ouvimos uma palavra queremos saber a que ela se refere, o que pode evitar falácias, notícias falsas e quejandos. Como nos lembram o binômio onomasiologia-semasiologia, texto e discurso são interdependentes, pressupõem-se mutuamente, são as faces da mesma moeda.

A propósito de referente, a feminista vegetariana Carol Adams falou da teoria do “referente ausente”. No capítulo 2 de Adams (1991), intitulado “The rape of animals, the butchering of women”, a autora discute pormenorizadamente o conceito. De acordo com ela, “por trás de cada refeição com carne há uma ausência, a morte do animal cujo lugar é tomado pela carne. O referente ausente é aquele que separa o comedor de carne do animal e o animal do produto final”. Acrescenta que “paralelamente ao consumo de carne temos a objetificação da mulher, quer seja tão séria quanto no estupro quer tão banal como na visão de uma garota atraente numa apresentação de *strip-tease*”. Tudo isso vai frontalmente de encontro aos princípios da ADE.

Na verdade, seria mais adequado falar em exclusão ou omissão do referente. De qualquer forma, a ausência do referente aplaca a consciência dos consumidores de carne e dos frequentadores de prostíbulos e assemelhados. Os primeiros se livram de pensar no grande sofrimento dos animais durante o abate (eufemismo para matança) do animal e os segundos ignoram que a mulher bela e atraente que estão vendo é um ser vivo humano que sofre, que tem mil problemas, que tem que se manter e eventualmente até criar filhos sozinha. Portanto, está praticando aquilo para a sobrevivência.

Trabalhar com o referente ausente permite desligar dele a palavra (ou o texto) e direcioná-la para o que se deseja, permitindo manipular a linguagem, como os políticos gostam e praticam. Falar de “discurso” desligado de “texto” implica separar “conteúdo” de “expressão”, significado de

significante. Como não há um referente, melhor, uma coisa que direcione o uso da palavra, pode-se direcioná-la para onde se quiser, ou seja, manipulá-la. Afinal, como disse o ministro da propaganda de Hitler, Joseph Goebbels, “Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”, embora não para os que acreditam e praticam ciência.

Para os adeptos de PODO e os negacionistas, a palavra significa aquilo que querem que signifique no momento em que a usam. De modo mais geral, as palavras que compõem seus textos-discursos, até onde conseguem produzi-los dadas suas limitações intelectuais, significam aquilo que querem que signifiquem. Como no 1984 de George Orwell, verdade é o que interessa ao grupo que esteja no poder. Se seus interesses mudarem, a verdade também muda. Nos anos de 2020 e 2021 (o auge da epidemia do coronavírus) Bolsonaro ameaçava publicar decreto impondo “liberdade de ir e vir”, manipulando o conceito de “liberdade”, mesmo diante do perigo de contágio. Mas, como disse o jornalista Marco Antonio Villa, ele dá dois passos à frente e um para trás. Quando percebe que disse algo ilegal ou despropositado que pode pôr em perigo seu cargo, ele volta atrás. Não tem palavra. O significado da palavra é aquele que lhe interessa quando a profere. Promete carta branca a ministros, mas não cumpre, como se pode ver no que fez com os ministros Mandetta, Teich, Regina Duarte e outros.

A ideia de que o significado é coconstruído pelos interlocutores na ecologia da interação comunicativa pode ser perigosa se não complementada pela de que toda palavra tem um significado referencial básico. Pode haver deslocamentos em várias direções, mas é preciso não perdê-lo de vista a fim de não se cair nessas esparrelas. Se não houvesse um significado de base válido na comunidade de língua, poderíamos falar usando símbolos arbitrários como x, y, z, *, @, # e outros e construindo os sentidos no momento da interlocução. Enfim, para o que interessa diretamente no presente contexto, seria bom ressaltar que em Couto & Silva (2020, p. 74ss.) já se falava sobre “a dinâmica argumentativa da violência” no contexto da ADE.

3. Discurso de ódio e prática de ódio

Como veremos melhor na seção seguinte, o ódio e seu contrário, o amor, são sentimentos tão antigos quanto a humanidade. Grande parte das mitologias tem um deus para um e para outro. A própria existência dessas duas palavras na maioria das línguas, se não em todas, já é uma indicação dessa ancestralidade dos dois conceitos. Isso quanto às práticas de ódio (PO). No que tange ao discurso de ódio (DO) propriamente dito, ele deve ter existido deste que nossos ancestrais começaram a viver em sociedade, sobretudo após a introdução da agricultura (HARARI, 2020) e da linguagem. Atualmente, a expressão “discurso de ódio” existe praticamente em todas as línguas da Europa: em francês, *discours de haine*; em espanhol, *discurso del odio*; em italiano, *discorso dell'odio*; em catalão, *discurs del'odi*; em romeno, *discurs de ură*; em alemão, *Hassrede/Hassdiskurs* e assim por diante. No entanto, DO tomou corpo no século XX nos Estados Unidos, de modo que a expressão “discurso de ódio” é uma tradução literal do inglês *hate speech*. Mais recentemente passaram a ser muito comuns nas redes sociais expressões como “ele teve 500 hates” de vários *haters*. São muito comuns também expressões como *I hate x*.

O *nouveau philosophe* francês André Glucksmann escreveu um livro justamente sob o título de *Le discours de la haine (O discurso do ódio)*. De acordo com ele, o discurso de ódio atual é semelhante ao discurso da guerra das grandes potências, sobretudo da época da competição atômica entre Estados Unidos e União Soviética. Passamos da bomba H à bomba humana. Segundo o autor, a irracionalidade do terrorismo é tão grande que não se procura convencer, mas vencer. Ele dissemina um ódio generalizado, universal. Há ódio contra os judeus, os americanos, as mulheres, enfim, o ódio em si e por si, odeia-se o outro. A tal ponto que se poderia dizer: *Eu odeio, logo, existo* (GLUCKSMANN, 2004). Enfim, odeia-se porque sim, odeia-se porque se odeia, não

importa a quem. Nas redes sociais se vê que há centenas, milhares, milhões de ocorrências de frases que começam por “Eu odeio x”, “*I hate x*” etc. Sempre há alguém odiando outrem ou alguma coisa. É a legião dos imbecis de Umberto Eco. Como disse Carlos Gustavo Poggio, o que se tem nas redes sociais não é uma troca de informações, mas uma guerra de versões (TV Cultura, 13/07/2022, 21h32mi)

Podemos chamar o ato de odiar, a prática de ódio de odiação, atitude bastante afim da violência. O termo odiação não consta nos grandes dicionários, mas, é parte do acervo de palavras inativadas da língua portuguesa, palavra que neste texto está sendo ativada, uma vez que a linguística ecossistêmica não tem nenhum problema com supergeração de palavras pelas regras sistêmicas; ela não tem medo das palavras (COUTO, 2021b). Entre os seus sinônimos temos raiva, ojeriza/jeriza, ira, cólera, fúria etc. Existem derivados como odiador, odiação etc. A odiação, ou prática de ódio, leva ao discurso de ódio e ambos levam ao conflito, ao confronto, à violência, à briga e à guerra, em suma à agressão.

Um caso claro de discurso do ódio é o praticado no governo Bolsonaro. A tal ponto que a imprensa cunhou a expressão “Gabinete do Ódio” para caracterizar o grupo centrado no Palácio do Planalto que divulga notícias falsas em massa difamando e caluniando pessoas e instituições, de maneira anônima.

Normalmente falamos em linguagem violenta, linguagem do ódio. Porém, a linguagem não é agente, não pratica nada. Quem pratica PO e DO são pessoas. Esses termos significam o uso por alguém de palavras que remetem e refletem a atos de violência. A prática de ódio e o discurso de ódio (PODO) se manifestam em diversas instâncias, às vezes refletidas no sufixo “-fobia”, como em *xenofobia*, *homofobia*, mas também em outros, como nas palavras *misoginia*, *misanthropia*. Um sufixo mais comum e aparentemente anódino é “-centrismo”, a exemplo de *etnocentrismo*, *androcentrismo* e outros.

Certa feita o ex-presidente norte-americano Donald Trump, que já foi chamado de *gangster* na imprensa de seu país, disse que pode matar alguém que seus eleitores não deixarão de votar nele. Aliás, ele queria entrar junto com os invasores do Congresso Americano, segundo depoimento de uma ex-assessora da Casa Branca, inclusive tentando tomar o volante do segurança que não queria deixar que ele cometesse esse desatino (*Valor Econômico*, 28/06/2022).

<https://www.youtube.com/watch?v=rMmiLWDpCno>.

O mesmo se pode dizer dos sequazes de Bolsonaro. Não é mera coincidência o fato de que o PODO dessas duas figuras patéticas esteja associado à violência – eles também cometeram atos de terrorismo –, ao negacionismo e ao conspiracionismo (teoria da conspiração). Por isso não é de admirar que os praticantes brazucas dessa ideologia sejam admiradores incondicionais de Trump. A tal ponto que o ex-ministro da Educação Weintraub, que havia chamado os membros do STF de “vagabundos” que “deveriam ir para a cadeia” (*IstoÉ*, 29/05/2020), teve que fugir clandestinamente para os Estados Unidos para escapar de uma provável detenção.

Segundo o jornalista Ricardo Kertzman, “Bolsonarismo é uma categoria de pensamento e de comportamento bem clara e definida: não suporta homossexuais, não tolera pensamento político diferente, acredita e prega a violência como resolução de conflitos...” (*IstoÉ*, 28/06/2022).

4. Alguns exemplos de PODO

Vimos que as ideias que desembocaram no atual discurso de ódio e respectiva prática de ódio se perdem nas brumas do tempo, às vezes sob a forma de vingança e violência, como mostra o exemplo de Caim contra o irmão Abel. Elas aparecem também sob a forma de retaliação, aplicar pena de talião ou lei de talião (olho por olho, dente por dente), que significa pagar na mesma

ECO-REBEL

moeda, revidar da mesma forma e intensidade, tal qual foi a agressão. As palavras “talião” e “retaliar” vêm de *talis* do latim, que significa tal, idêntico. Os deuses do mal abundam. Por exemplo, no hinduísmo temos Cáli, na mitologia grega Hécate e Nêmesis, na nórdica, Vidar e assim por diante. No cristianismo temos o demônio, o capeta. É por isso que nem sempre a sociedade é justa, nem sempre a vida é justa. Porém, esses exemplos históricos não eram guiados por negacionismo nem por conspiracionismo. Eram simples reação a uma ação.

Não é necessário recuar tanto no tempo. Poderíamos começar pelo exemplo do imperador romano Nero (54-68 d.C.), cujas maldades foram amplamente retratadas até em filmes de Hollywood. Suas insanidades têm um fundo político, mesmo porque ele era imperador de Roma. Isso não é casual: grande parte dos exemplos históricos de PODO tem fundo político, ou é praticada por líderes políticos ditatoriais e sua caterva. Um outro exemplo histórico macabro é a Inquisição praticada pela Igreja Católica desde o início do século XII até início do século XIX. Ainda no século XIX poderíamos citar o surgimento da Ku klux klan nos Estados Unidos, bastante violenta e defensora da supremacia branca. Esse movimento apresenta três fases: a primeira vai de 1860 a 1870; a segunda, de 1915 em diante; a terceira teve início em 1950 e sobrevive até os dias de hoje, mesmo que com menos intensidade.

Josef Stalin, o líder da União Soviética (1922-1953) também é representativo de PODO. Ele era frio e calculista, além de instável emocionalmente. Levou cerca de 40 milhões de pessoas à morte, mediante limpeza étnica, repressões em massa, deportações. Não perdoava nem amigos, auxiliares próximos ou parentes. Exigia fidelidade incondicional, e quem ele achava que fosse traidor era sumariamente punido, às vezes executado. No final dos anos 1920, diante da prosperidade e autonomia cultural ucraniana, além da resistência de seus agricultores, Stalin proibiu a comercialização de sua produção, levando a maioria a morrer pela fome. No momento (julho/2022) o ditador Putin está repetindo o feito de Stalin. Aliás, os nomes rimam.

Aproximadamente na mesma época houve o fascismo de Benito Mussolini na Itália (ca. 1922-1943). Ele não foi um carniceiro como Stalin; era mais flexível e às vezes mudava de opinião. Ele chegou a convidar Mahatma Gandhi para visitar a Itália. Porém, defendia a violência política para atingir seus objetivos mediante ação direta com milícias privadas e os camisas negras. Defendia o darwinismo social, ideias que recuam a pelo menos Gobineau (1816-1882), cujo livro *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1855) defendia o que já se vê no título, aí inclusa a eugenia. Ele foi um dos inspiradores de Hitler.

Sob o comando de Adolf Hitler (1889-1945) o regime nazista levou a um dos maiores genocídios da história. Executou mais de 6 milhões de judeus (o holocausto), e outras etnias como os ciganos, consideradas *Untermenschen* (sub-humanos, seres inferiores), durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Também defendia o darwinismo social, como Mussolini e até Gobineau, mesmo que *avant la lettre*.

Alguns movimentos tidos como terroristas que praticavam muita violência já desapareceram, como o ETA no País Basco, na Espanha (1959-2018), o IRA na Irlanda nos séculos XX e XXI e os Tupamaros no Uruguai (1973-1985). Alguns outros continuam na ativa, como as FARC na Colômbia, embora um tanto enfraquecidas, o Estado Islâmico, cuja lei da sharia recua ao início do islamismo, mas ganhou força no século XXI. Esse grupo chegou a dizimar aldeias inteiras simplesmente porque os habitantes não professavam sua ideologia fundamentalista, sua fé. Na Nigéria temos o Boko Haram, também do século XXI, de que há uma facção pró-estado islâmico e outra contra ele. Esse grupo sunita atua no norte da Nigéria, no Chad e nos Camarões. Ele interpreta o corão de forma fundamentalista, matando muitos milhares de pessoas, estuprando mulheres, enfim, ele é considerado um dos grupos mais violentos.

ECO-REBEL

Mais recentemente, temos os *skinheads* surgidos entre os operários ingleses na década de 1960 e que se espalhou pelo mundo. Alguns grupos se aproximam da direita, outros da esquerda, outros são apolíticos. Basicamente, defendem ideias nazifascistas. Temos também os *hooligans*, grupos violentos, que praticam vandalismo sobretudo em relação a jogos de futebol e outros. Praticam atos violentos em si e por si, mas são também nazifascistas. Não podemos esquecer as milícias, uma das quais ligada à família Bolsonaro (SILVA, 2020), que impõem suas regras em áreas de periferia de grandes cidades, como o Rio de Janeiro. Finalmente, poderíamos mencionar os indivíduos desequilibrados psicologicamente que entram com armas em escolas, supermercados ou *shopping centers* e começam a matar pessoas a esmo, fato que começou nos EUA, mas já chegou ao Brasil.

Por falar em Brasil, nele também existem inúmeros exemplos de PODO. De uma perspectiva histórica, poderíamos recuar à violência representada pela escravidão dos índios de 1500 em diante, mas abolida por Pombal no final do século XVIII. Pouco depois, teve início a violência da escravidão de africanos, iniciada por volta de 1539/1540 e teoricamente abolida em 1888. Trata-se de violência no nível coletivo, aceita até na legislação escravagista, e no individual, como no caso dos patrões que consideravam os escravos como propriedade privada.

O especialista em literatura e filósofo Francisco Bosco (filho do compositor e cantor João Bosco), autor do livro *O diálogo possível* (São Paulo: Todavia Editora, 2022) disse em uma entrevista à Deutsche Welle que “O ódio é a própria matéria-prima de que foi feito o país. Esse país surgiu do genocídio dos povos indígenas, do tráfico de escravos de populações africanas, da ambição desenfreada de bandeirantes, e por aí vai”.

Já no século XX tivemos ditaduras com suas torturas (a rima não é mero acaso), como a ditadura militar de 1964 – que Bolsonaro *et cetera* gostaria de retomar – e suas diversas atrocidades. Mais recentemente, não tem como falar sobre prática e discurso de ódio (PODO) no Brasil sem ressaltar a figura patética de Bolsonaro e *entourage*. Sua ideologia nazifascista e negacionismo apregoa o ódio a todos que pensam diferente, com o que tem um discurso agressivo, violento, em tom ríspido, desrespeitoso, despudorado, debochado (FERNANDES, 2020). Desrespeita o poder judiciário, sobretudo o STF, se há alguma sentença contra ele ou correligionários, amigos ou parentes. Aliás, o ódio é parte inalienável do bolsonarismo e da direita radical em geral. O analfabeto funcional Bolsonaro acha que é ele que sabe o que está “dentro das quatro linhas da Constituição”, não o Poder Judiciário.

Para pôr em prática seu PODO, surgiu o já mencionado Gabinete do Ódio que, de acordo com o *Estadão*, “está instalado dentro da estrutura do gabinete do presidente Jair Bolsonaro, coordenado por seu filho Carlos Bolsonaro, vereador no Rio de Janeiro. Seriam 23 servidores nessa função” (www.terra.com.br, 29/05/2020). Esse gabinete teria filiais pelo Brasil: “Na mira do Supremo Tribunal Federal (STF), o “gabinete do ódio” instalado no Palácio do Planalto se espalhou pelos Estados. As células mais avançadas desse grupo ideológico – revelado pelo *Estadão* em setembro do ano passado – mantêm a militância digital inflamada e atua no Ceará, no Paraná, em Minas Gerais e em São Paulo. Numa espécie de franquia, cada núcleo regional conta com assessores lotados em gabinetes da Câmara dos Deputados e em Assembleias Legislativas para movimentar páginas de disseminação de *fake news* e linchamentos virtuais de adversários do governo” (*Estadão*, 31/05/2020).

Como informa o *Correio Braziliense* (25/06/2020), “em um documento da Procuradoria Geral da República (PGR) entregue ao Supremo Tribunal Federal (STF) em 27 de maio, com diversos detalhes sobre as investigações a respeito das manifestações antidemocráticas, procuradores listaram mensagens de parlamentares bolsonaristas incitando os atos e apoiando o fechamento do Congresso e do STF. O *Correio* teve acesso ao inquérito. Entre os citados estão Carla Zambelli

ECO-REBEL

(PSL-SP), Daniel Silveira (PSL-RJ), Junio Amaral (PSL-MG) Otoni de Paula (PSC-RJ), dentre outros. Também aparecem na lista *youtubers* e produtores de conteúdo apoiadores do presidente da República”. Os parlamentares xingam, e falam em retirar adversários do poder. “Em uma ‘live’ transmitida em 19 de abril nas redes sociais (...), o deputado federal Daniel Silveira afirmou categoricamente: ‘Nosso trabalho é tirar esses do poder. Manter a governabilidade do presidente. Vocês não fazem ideia do poder que o povo tem. Vocês não têm ideia. Se o povo sair às ruas de fato, e resolver cercar o STF, resolver cercar o Parlamento... invadir mesmo, tô falando pra invadir, não tô falando pra botar faixinha não. Tô falando pra cercar e invadir mesmo. Tô falando pra cercar lá e retirar na base da porrada, sabe como é que é. Na base da porrada, tirar, arrancar poder. Porra!”, registrou a PGR. Pouco depois, Daniel Silveira foi preso por essa fala, passando pouco depois para prisão domiciliar, com tornozeleira eletrônica. Mas, Bolsonaro lhe concedeu um indulto de afogadilho bem antes de o processo transitar em julgado. Aliás, Eduardo Bolsonaro já havia dito que “Para fechar o STF basta um soldado e um cabo” (*Valor Econômico*, 21/12/2018).

Carlos Bolsonaro (o Carluxo) às vezes tem que se esconder com medo de ser processado. “Um dia depois da operação da Polícia Federal que atingiu produtores e financiadores de *fake news*, o vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos) apareceu de número novo no grupo da Câmara Municipal do Rio. Ao entrar no espaço virtual, o parlamentar – que não foi alvo da operação – já xingou os colegas de Câmara. “VTNC, PT e piçóu. Vamos avançar, seus merdas”, publicou, “sem contexto e em referência ao PT e ao PSOL” (*Estadão*, 29/05/2020). Nos termos de Glucksmann vistos acima, ele é o ódio em pessoa. Aliás, o próprio Bolsonaro pai planejou atos de terrorismo durante sua fracassada e complicada permanência na caserna. O irônico é que não era contra algum “inimigo”, mas contra a própria organização de que fazia parte, o exército. Bolsonaro é o seguidor-mor de PODO no Brasil (SILVA, 2020). Vive atacando o poder judiciário (STF), não acatou algumas de suas sentenças e chegou a chamar um dos ministros de filho da puta (*Correio Braziliense*, 06/08/2021).

Existem também manifestações individuais de PODO. Veja-se o caso do bispo da Igreja Universal do Reino de Deus que chutou uma imagem de Nossa Senhora Aparecida uns tempos atrás, além de diversas outras manifestações dessa indústria religiosa. Líderes religiosos como Silas Malafaia vivem aos berros contra tudo de que discordam, destoando flagrantemente do exemplo de Jesus Cristo, que era altamente compreensivo e tolerante.

Infelizmente, PODO não é privilégio das ideologias fundamentalistas de direita. Muitas das atrocidades mencionadas acima se deram em regimes que se consideravam de esquerda. Aí se incluem guerrilhas, sequestros, atentados terroristas etc. As ditaduras comunistas do Leste Europeu estão neste caso, sobressaindo-se a ex-União Soviética e a Romênia de Ceausescu. No Brasil atual temos o Partido da Causa Operária (PCO), que quixotesicamente continua falando em comunismo, regime que falhou em todas as situações em que foi implantado. De qualquer forma, PODO geralmente está associado a regimes políticos. Mas, entre as ideologias religiosas também há PODO, como a Inquisição da Igreja Católica, algumas denominações evangélicas atuais. Isso acontece talvez porque, como disse o historiador inglês John Dalberg-Acton (1834-1902), “o poder corrompe o homem e o poder absoluto corrompe absolutamente”, tema retomado por George Orwell em *Animal farm*. Eu acrescentaria que, pensar que detém a verdade cega e ensurdece as pessoas. Não é para menos que Lygia Fagundes Telles tenha dito que “O poder embriaga e eu quero estar lúcida”.

5. Discurso de ódio, negacionismo e teorias da conspiração

Os adeptos de PODO, ou seja, os que praticam atitudes de ódio e proferem o respectivo discurso de ódio geralmente são também negacionistas e adotam teorias da conspiração. Eles só veem e acreditam no que lhes interessa. São vesgos, não conseguem ver um centímetro além da ponta do próprio nariz. Os negacionistas seguem não a ciência, mas um tipo de doxologia, no sentido de estudo das opiniões, embora não tenham a mínima ideia do que seja doxologia: isso vai muito além de sua capacidade intelectual. A ciência procura conhecer o mundo utilizando critérios publicamente testáveis, ao passo que a doxologia é um conhecimento baseado na opinião, no achismo (SCIACCA, 1962, p. 48, 50). Se aquilo em que acreditam e seguem vai contra os achados da ciência, alegam que a ciência não está correta, que está representando interesses escusos de alguém de alguma organização ou de uma potência estrangeira, frequentemente alegando que conhecem um “cientista” que defende aquilo em que acreditam.

Eles se manifestam raivosamente contra quem não concorda com eles, com críticas violentas, com argumentos *ad hominem*, usando falácias e notícias falsas sem a menor preocupação com a ética, despidoradamente (COUTO, 2021a).

Por seguirem PODO, os negacionistas são reacionários em política. Segundo o *Aurélio*, o reacionário é “contrário à liberdade; tirano; despótico”. O *Webster’s Encyclopedic Unabridged Dictionary* diz que reacionarismo é “movimento na direção do conservadorismo político ou do extremismo de direita”. É bem diferente do conservadorismo propriamente dito, que é mais moderado. Segundo o *Aurélio*, conservador é “aquele que em política é favorável à conservação da situação vigente, opondo-se a reformas radicais”, ou seja, ele é contra o radicalismo. Da direita, o *Aurélio* diz que é “regime político de caráter totalitário e capitalista”. Vale dizer, quando os negacionistas reacionários de direita se adjudicam o qualificativo de “conservadores”, estão camuflando o que realmente vai pelas suas cabeças; usam a maquiagem de conservadores como cortina de fumaça a fim de que a esmagadora maioria da comunidade que não concorda com eles não veja o que fazem e/ou querem fazer.

6. Discussão

Toda ideologia radical, extremista, no poder se considera detentora do “certo”, do “justo”, do “bem” etc. O outro lado está “errado”, é “injusto”, representa o “mal”. É “nós” *versus* “eles”, que se tornam “vocês” na hora das alterações, dos ataques, das ofensas. Como somos “nós” que estamos no lado certo, “eles/vocês” devem ser combatidos, vencidos, derrotados e, se possível, eliminados. Do mesmo modo, para o lado esquerdista do fundamentalismo, os da direita são “eles”, e eles (os esquerdistas) são o “nós”. Para ambos, é “nós” *versus* “eles”. Para o sábio, porém, direita e esquerda devem ser incluídas no “nós”, visão englobante, holística, como veremos mais abaixo nesta seção do artigo.

Na verdade, há uma pequena diferença entre as duas ideologias. A direita é mais matreira, sempre esteve ao lado do poder político-econômico, mesmo que não esteja oficialmente no governo, portanto, em muitas fases da história não precisou fazer nada contra a esquerda. No entanto, quando não está no poder, e até quando está, comete atos de terrorismo a fim de inculpar as esquerdas, como o caso de dois militares que, durante a ditadura militar, iam deixar uma bomba em um *show* no Riocentro a fim de pôr a culpa nas esquerdas “subversivas”. Para azar deles, porém, a bomba explodiu no colo de um deles a caminho do local do *show*. Já vimos que o próprio Jair Bolsonaro planejou atos de terrorismo enquanto esteve na caserna (ver verbete “Bolsonaro” na *Wikipedia* em português).

ECO-REBEL

As ideologias radicais cegam, ensurdecem e insensibilizam as pessoas. Pena que não as emudecem nem as imobilizam, pois, assim não ofenderiam quem discorda delas nem as agrediriam. Não é de estranhar que os seguidores de ideologias radicais de direita tendam a ter QI mais baixo do que as pessoas mais tolerantes. Tendem a ser instáveis, descontroladas emocionalmente como Nero, Hitler, o pastor Malafaia e o próprio Bolsonaro; são raivosos, falam aos berros e de dedo em riste, não dialogam, querem sempre impor sua opinião.

Silva (2021) afirma que não há nada mais parecido com um radical de direita do que um radical de esquerda. Se pegarmos um texto-discurso radical de direita e substituirmos as personagens, o texto-discurso será considerado válido pela esquerda, e vice-versa. Um é imagem especular do outro, com a diferença de que a direita sempre esteve no poder, é matreira, com pendores nazifacistas, embora haja regimes que se consideram esquerdistas que também são fascistas.

Como excluem ou omitem o referente, agem como na *newspeak* (novilíngua) de George Orwell, em seu famoso livro *1984*: muda-se o significado das palavras ao sabor dos interesses momentâneos de quem manda. Para um observador imparcial (que tem uma visão holística da questão), em vez de “referente ausente”, é melhor falar em “referente excluído” ou “omitido”: o adepto de PODO omite ou exclui o referente daquilo de que está falando ou o substitui por um “referente” que mais convém a sua ideologia. Como disse Yuval Harari, "a característica verdadeiramente única da nossa linguagem não é sua capacidade de transmitir informações sobre homens e leões. É a capacidade de transmitir informações sobre coisas que não existem" (HARARI, 2020, p. 43), mediante o uso de metáforas, eu acrescentaria. O autor acrescenta que "a tolerância não é uma marca registrada dos sapiens" (HARARI, 2020, p. 34). Por isso a linguagem tem sido usada para dizer falácias ou deslavadamente mentir. Umberto Eco já havia dito que linguagem é aquilo que permite mentir. Pois bem, as pessoas sóbrias lutam para superar essa tendência, mas os nazifascistas bolsonáticos a levam ao paroxismo. Como todo seguidor fanático de determinada ideologia radical, eles ficam cegos e surdos devido a ela.

Falam muito em liberdade de expressão, mas a usam para produzir notícias falsas, difamar as pessoas. Esquecem-se (esquecem-se?) de que não se pode usar essa liberdade para defender sua supressão. O direito de expressão não autoriza difamar, ameaçar, insultar as pessoas impunemente. Não autoriza pôr as demais pessoas em risco. Como disse o Dr. Gonzalo Vecina, “o direito à vida precede o direito individual de ir e vir”, “o direito individual não autoriza cometer delitos e crimes”. Meu direito termina onde começa o seu. Como todo adepto de PODO não têm dó dos *Andersdenkenden* (“os que pensam diferente” em alemão), que eles se lasquem (o termo fora usado por Rosa Luxemburgo em *Die russische Revolution* [1918]). Só importa o que vem dos samideanos, palavra do esperanto que significa algo como “aqueles que têm a mesma ideia”, embora o esperanto tenha sido criado por Zamenhof para o bem, para o entendimento entre falantes de línguas mutuamente ininteligíveis.

Sobre a linguagem de Donald Trump, a estudiosa francesa Bérengère Viennot disse que é plena de vulgaridade, brutalidade e misoginia. Não respeita as regras da gramática, pois usa poucas palavras. Ele lida com uma telerrealidade. Daí se deduz que tudo isso se deve a uma necessidade de mascarar a própria incultura, em um desprezo total pelo estilo e o vocabulário: tudo deve caber em 280 caracteres. O mesmo se pode dizer de Bolsonaro que, nas palavras de Leonardo Boff, é súcubo de Trump.

Vejam um grupo de idosos bolsonáticos no WhatsApp que se encontram num parque de uma grande cidade brasileira. Seus membros vivem destilando ódio contra o que chamam de “esquerda” (com seus “esquerdopatas”), comunismo (eles são tão primitivos que não sabem que não existe mais comunismo), socialismo, Globolixo etc. Falam mentiras deslavadas, divulgam e repassam falácias e cometem fraudes, tudo para valorizar sua ideologia de extrema direita e menosprezar,

ECO-REBEL

ridicularizar e até criminalizar quem discorda deles, como as esquerdas, mas também toda a imprensa e as pessoas que discordam de suas insanidades. Seguem cegamente os despautérios do atual ocupante da cadeira de presidente do Brasil. Divulgam notícias falsas com a maior desfaçatez do mundo. São direitopatas, segundo sua própria linguagem. No entanto, quando um deles e o filho de um outro testaram positivo para a COVID-19 e foram levados para o hospital, não quiseram ficar usando só cloroquina, como recomenda seu ídolo. Pelo contrário, submeteram-se a tratamento baseado na ciência.

Para se ter uma ideia da parcialidade maldosa de alguns grupos de direita, vejamos um único exemplo. Um dos idosos do grupo supra postou um vídeo em que Lula dizia que o PT era um grupo criminoso e ele era o chefe do grupo, como se ele estivesse se vangloriando do fato. Acontece que se trata do recorte de uma fala maior, em que Lula dizia que alguns inimigos dele e do PT alegam isso. Vale dizer, o idoso direitista em questão tirou o trecho de uma fala, editou-o e enviou maldosa e criminosamente. Trata-se de má-fé de pessoas cuja mentalidade está enviesada pelo fundamentalismo político e pelo ódio a quem pensa diferente. Isso para não falar das milícias digitais que utilizam as plataformas para enviar por robôs mensagens maldosas, falsas, criminosas a milhares e até a milhões de pessoas, como se faz no Gabinete do Ódio no seio do governo Bolsonaro.

Vejamos a polarização esquerda *versus* direita no Brasil. No presente momento (julho/2020), a primeira está representada pelo lulopetismo; a segunda, pelo bolsonarismo. Nenhum dos lados tem um projeto de país, nem de governo. Os da direita preocupam-se com coisas menores como *golden shower*, voto impresso, cloroquina e ivermectina, não uso de máscara, contra a vacinação em geral e sobretudo de crianças, contra isolamento social, com participar de motocicletas com os próprios adoradores, não com a população brasileira em geral, não com algo maior, que é a governança do país. Os da esquerda priorizam esmola aos pobres, ajuda econômica a ditadores subdesenvolvidos de esquerda e fazem tudo para se perpetuarem no poder, inclusive praticando um nível de corrupção (ver mensalão e petrolão, p. ex.) só visto durante a ditadura militar.

Os da direita em geral são lacônicos em seu discurso, usando poucas palavras, com muitos chavões e clichês, frequentemente porque são limitados intelectualmente. Nos momentos de interação fática (início, manutenção, encerramento da interação), usam muito *tá certo?*, *OK?* Não respondem a perguntas incômodas e quando o fazem não usam a razão, mas agressões, amiúde encerrando a “conversa” dizendo *acabou!*, virando as costas e indo embora, como faz Bolsonaro com muita frequência. É o que fez ao ouvir, por exemplo, perguntas sobre as rachadinhas de seu filho Flávio Bolsonaro. Têm o ego inflado, agem como animais selvagens, que não conhecem os limites necessários a uma boa convivência social (*El límite soy yo*). É ele que sabe qual é a interpretação correta da lei. Quem sabe interpretar “corretamente” a constituição é ele e “seu exército”. Como todo nazifascista, age como o famoso rei francês que teria dito que *l'état c'est moi*.

Bolsonaro e seus seguidores são nazifascistas, mesmo não tendo a menor ideia do que são nazismo e fascismo, pois são analfabetos funcionais. Como salientou o historiador e comentarista político Marco Antonio Villa, “-ismo” denota doutrina, mas eles não têm doutrina nenhuma, o que têm é um *disjecta membra* de ideias personalistas, movidas pelo ódio a tudo de que discordam. Nazismo e fascismo são doutrinas macabras, mas bem elaboradas teoricamente, coisa de que os negacionistas-conspiracionistas bolsonáticos são incapazes. Em geral têm pouca cultura, não leem nada mais substancial, como textos de literatura, história e ciência. A pouca informação que têm provém das mídias sociais.

São muitos os sequazes desse nazifascista que defendem a violência, entre eles, Daniel Silveira, Roberto Jefferson, Sara Giromini (a breve), o deputado paulista que ofendeu o Papa etc. A ativista de direita Sara Giromini (Sara Winter?) ameaçou de agressão o ministro do STF Alexandre de

ECO-REBEL

Moraes; “O senhor me aguarde, Alexandre de Moraes, o senhor nunca mais vai ter paz na vida do senhor. A gente vai infernizar sua vida”. Diante disso, “Moraes já pediu à Procuradoria Geral da República (PGR) que tome providências sobre as ameaças de Sara”. Em outra ocasião, um grupelho de pessoas chefiado por Sara se reuniu em frente ao STF, soltou rojões na direção dele e vomitaram várias palavras de agressão a ele. Eles estavam travestidos de indumentária que lembrava os supremacistas brancos americanos da Ku Klux Klan. O que eles gostariam de ter jogado no STF são bombas, como a que Bolsonaro queria explodir enquanto esteve no exército. Os fogos de artifícios têm uma simbologia muito grande no caso.

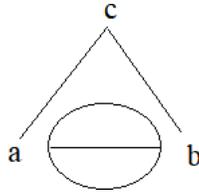
Como dizem os comentaristas políticos, Bolsonaro não governa, mas terceiriza tudo. Ele não é responsável por nada que acontece em seu governo, sempre há algum culpado por qualquer problema que apareça. Os seus adoradores são uma minoria barulhenta. Parece que se trata de “o povo” brasileiro, e o próprio Bolsonaro e sequazes usam essa expressão, mas não passam de 25% da população brasileira, se tanto. Dos 213.300.000 brasileiros, eles perfariam na melhor das hipóteses uns 53.325.000 de pessoas (25%). Se um quarto delas se manifestasse, seriam 13.331.250 pessoas, o que pareceria muita gente. Mas, para quem olha para o mundo de uma perspectiva abrangente, isso é uma ínfima minoria da população brasileira, ou seja, apenas 6,25%. A ciência garante uma objetividade humanamente possível e a filosofia oferece argumentos para uma interpretação crítica do que ocorre. As interpretações radicais, fundamentalistas, tanto de direita quanto de esquerda são enviesadas. Mostram o que os radicais querem que seja mostrado. O referente é aquele que escolhem, por estar de acordo com seus interesses.

A língua é interação, interação comunicativa, comunicação. Fica implícito que para essa interação comunicativa se dar de modo prototípico é necessário que haja comunhão entre os participantes. É necessário que haja uma atitude de solidariedade, de predisposição para interagir com benevolência. Os partidários de PODO não entram em atos de interação comunicativa eficaz propriamente dita, mas simplesmente dão recados, ordens. A parte da linguística ecossistêmica chamada análise do discurso ecossistêmica (ADE) recomenda a seus praticantes que defendam a vida e lutem contra qualquer sofrimento evitável. Eles devem intervir sempre que possível a fim de preservar a vida e evitar sofrimento desnecessário (COUTO, 2020). No entanto, os seguidores dessa ideologia não entram em comunhão com quem não a siga, não dialogam com os *Andersdenkenden*.

Os radicais, tanto de direita quanto de esquerda, santificam seu líder, mesmo que ele seja corrupto, sem limites éticos como Bolsonaro, e demonizam o líder do outro lado. Para os bolsonaristas, Lula é o demônio e Bolsonaro é o santo; para os lulistas, Bolsonaro é demônio e Lula é santo: de um lado são bolsonaro, de outro, são lula. O discurso de ambos divide os brasileiros. Frequentemente provoca confrontos e brigas entre grupos e até entre indivíduos. Já houve casos de alteração e brigas até mesmo entre membros de uma mesma família, inclusive entre pai e filho.

Focando na figura abaixo, tudo no mundo consta dos lados *a* e *b*. Os que se postam no lado *b*, ficam nele, ignoram o lado *a* e quando o veem, vem-no como inimigo, pois sua postura é de confronto, de conflito. Os que se postam no lado *a* invertem a perspectiva. Os seguidores da ADE, ao contrário, se postam na perspectiva *c*, levam o todo em consideração, pois, como sabemos, ninguém é inteiramente bom nem inteiramente mau. O que há é que alguns tendem para um lado ou para o outro. O lado *c* seria o de São Francisco de Assis, Madre Teresa de Calcutá, Irmã Dulce, Chico Xavier, Gandhi etc. É defendido também por filosofias como a Ecologia Profunda, o Taoísmo, o Budismo e o Hinduísmo.

ECO-REBEL



Poderíamos pensar também nas categorias do *yin* e *yang* do Taoísmo. Ele reconhece que o todo abrange os dois, logo, um só existe em função do outro. Eles não se opõem, como se fossem *yin* x *yang*. Pelo contrário, são *yin* + *yang*, formando o todo, como na conhecida figura do tai chi. Na tradição ocidental é um ou o outro, *yin* ou *yang*, direita ou esquerda. *Tertium non datur*. Na tradição taoísta, e na Ecologia Profunda (NAESS, 1973, 1989), trata-se de *yin* e *yang*, esquerda e direita. Os fundamentalistas não sabem (e não querem) lidar com o contraditório, que implica ter em vista os dois lados. Sua vontade tem que prevalecer. Se no mundo há cooperação-competição, coordenação-subordinação, homeostase-rupturas, dicotomias que devem ser vistas holisticamente, os fundamentalistas aderem apenas ao segundo termo desses binômios, como já vimos com André Glucksmann.

Existe também o que se poderia chamar de “discurso do amor”. É o caso do linguista aplicado brasileiro Francisco Gomes de Matos, que vem defendendo o que chamou de “português positivo” (linguagem que enfatiza o lado bom da questão) há muito tempo. Isso pode ser visto em seus livros *Pedagogia da positividade: comunicação construtiva em português* (Recife: Editora da UFPE, 1996) e *Comunicar para o bem: Rumo à paz comunicativa* (São Paulo: Editora Ave-Maria, 2002). Couto (2012) defende ideias semelhantes, partindo do taoísmo. A análise do discurso positiva de James Martin (2004, 2006) vai na mesma direção. Como já se dizia na Bíblia, “não procurem vingança nem guardem rancor contra alguém do seu povo, mas ame cada um o seu próximo como a si mesmo. Eu sou o Senhor” (*Levítico* 19:17-18).

Repitamos, na visão ocidental de mundo (VOM) os conceitos são encarados como sendo ou *yin* ou *yang*, portanto, algo é direita ou esquerda, cooperativo ou competitivo, de novo, *tertium non datur*. Os fundamentalistas em geral se postam em um ou em outro dos lados. Os fundamentalistas de direita, no caso, veem a questão somente da perspectiva *b*, em geral tendo a perspectiva *a* como inimiga, que deve ser aniquilada. As pessoas do meu lado, da minha ideologia são tachadas de direitistas; as do outro lado, são esquerdistas, logo, inimigas. Os fundamentalistas de esquerda se postam no lado *a* e se comportam em grande parte de modo semelhante aos fundamentalistas de direita, apenas invertendo a mirada. Segundo a visão ecológica de mundo (VEM), deve-se olhar para o todo, a partir da perspectiva *c*. Porém, como não é possível ir nas duas direções ao mesmo tempo, o observador escolhe o polo mais cooperativo, mais benevolente (*yin*) e começa o processo partindo dele, mas sem esquecer de que partiu da visão que inclui os dois lados. Essa postura coincide com a oriental, que olha para a questão em termos de um e outro, *e-e* (*a* e *b*), não um ou outro (*a* ou *b*), como na ocidental.

Partindo-se da posição *c*, pode-se abordar a questão indo ora na direção de *a*, ora na de *b*, pode-se até olhar para ambas ao mesmo tempo. A ADE tem preferência por partir do lado “bem”, mas, ao fazê-lo, sempre volta a *c* a fim de ver o outro lado também, de não perdê-lo de vista. Em suma, se partir de *a*, avalia-o sempre em relação a *b*. É a visão holística, que não fragmenta, mesmo que no início tenha que dirigir o foco (GARNER, 2004) para um dos lados. Há uma relação dialética entre *a* e *b*, sempre via *c*.

7. Observações finais

Tudo que foi dito de Mussolini, Hitler e Boko Haram vale também para o bolsonarismo. Nem os genocídios são estranhos a essa ideologia fundamentalista tupiniquim, uma vez que seu líder tem favorecido a exploração de madeira, o garimpo e a derrubada da floresta para a criação de gado e a agricultura. Isso tem levado a miséria, mortes, estupros e outros males que estão dizimando vários grupos ameríndios. Genocídio não se dá apenas com batalhões metralhando populações, como fez, por exemplo, o estado islâmico.

Bolsonaro e os da mesma laia são que o poderíamos chamar de decrila (a tarefa de decifrar esse acrônimo fica a critério de quem quiser fazê-lo). A propósito, o decrila Milton Ribeiro, ex-Ministro da Educação – que abriu um balcão de negociações por pastores evangélicos para vender facilidades – de Bolsonaro, deixou uma arma disparar acidentalmente em um aeroporto no dia 25 de abril de 2022, o que só poderia acontecer num regime que defende o uso de armas pelas pessoas. Aparentemente, nada lhe aconteceu, o que não seria o caso se isso tivesse acontecido comigo ou com você, leitor(a).

Sei que as ideias aqui expostas podem despertar o furor dos devotos de são bolsonaro e de são lula. Como são extremistas, fundamentalistas, têm um olhar enviesado da realidade, vendo-a da perspectiva que lhes interessa. Eu pelo menos tento olhar para o mundo de uma perspectiva holística, ecológica, perspectiva *c* da figura supra. Essa perspectiva pode até mesmo dar razão aos devotos de um dos dois “santos” quando/se fizerem/disserem algo que não seja do âmbito de PODO. Afinal, ninguém é inteiramente bom nem inteiramente mau.

Como disse Heráclito (500 a.C-450 a.C) *pólemos patér pánton*: (a polêmica é o pai de tudo) ou seja, é o conflito que produz mudança, é ele que sustenta a evolução. Quando vamos tratar de assuntos delicados, que envolvem violência/sofrimento, preferimos enfatizar o lado "harmonia", mas o lado "conflito" também existe. É o conflito que gera movimento, pois a "harmonia" tende à quietude homeostática. A vida é constituída de movimento, ação, interação, conflito. Ausência completa de movimento, ação, interação e conflito só existe na morte. A diferença entre nosso proceder e o tradicional é que não entramos de cheio na questão pela porta do conflito, mas pela da harmonização. Ao fim e ao cabo chegamos ao conflito, mas com bandeira branca, não com arma na mão, recebendo e dando porradas. Por exemplo, se fôssemos resolver uma pendenga com Trump, Bolsonaro ou alguém da mesma laia, não começaríamos falando a linguagem deles, que é o discurso do ódio, da violência, do confronto. Assim, nos igualaríamos a eles.

Referências

COUTO, Elza K. N. N. do; SILVA, Anderson Nowogrodzki da. Discurso político: Análise do discurso ecossistêmica e argumentação. In: OLIVEIRA, Esther Gomes et al. (orgs.). *Discurso e argumentação*: Tecendo efeitos de sentido. Campinas: Pontes, p. 67-86, 2020.

COUTO, Hildo Honório do. Linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015.
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>

_____. Análise do discurso ecossistêmica. *Árboles y rizomas*, v. 2, n. 2, p. 1-14, 2020.
<https://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/rizomas/article/view/4634/26003658>

_____. Negacionismo, criacionismo e outros disparates do mesmo naipe. *Boletim do GEPL* n. 6, p. 5-7, 2021a. <http://ilinguagem.blogspot.com/>

ECO-REBEL

_____. Construções (a)gramaticais e (in)aceitáveis. *Boletim do GEPL* n. 7, 2021b, p. 3-6.
http://www.ecoling.unb.br/images/Numero_7_2021.pdf

ADAMS, Carol. *The sexual politics of meat: A feminist-vegetarian critical theory*. New York: Continuum, 1991.

FERNANDES, Ubirajara Moreira. “Mas ele não é corrupto”. *Boletim do GEPL* n. 3, 2020, p. 8010. <http://www.ecoling.unb.br/images/numero3.pdf>

_____. O negacionismo visto pela linguística ecossistêmica. *Boletim do GEPL* n. 6, p. 5-7, 2021. <http://www.ecoling.unb.br/images/n621.pdf>

GARNER Mark. *Language: An ecological view*. Berna: Peter Lang, 2004.

GLUCKSMANN, André. *Le discours de la haine*. Paris: Plon, 2004 (há trad. Port.).

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens - Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2020.

NAESS, A. The shallow and the deep, long-range ecology movement: A summary. *Inquiry*, n. 16, p. 95-100, 1973.

_____. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

SCIACCA, Michele Federico. *Historia de la filosofia*. Barcelona: Editorial Luis Miracle, 1962.

SILVA, Márcio M. S. Coronavírus, ideologias e análise do discurso ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 6, n. 2, p. 90-106, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>

_____. Um estudo do ex-capitão Jair Messias Bolsonaro pela análise do discurso ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, p. 18-34, 2021. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36696/29025>

Aceito em 07/07/2022.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 8, N. 2, 2022.